

Livro I

Livro I **Avisos para a vida espiritual**

Capítulo I

Da imitação de Cristo e do desprezo de todas as vaidades do mundo

1. Quem me segue não anda em trevas (S. João, VIII, 12). Com estas palavras exorta-nos Cristo a que lhe imitemos a vida e os costumes, se verdadeiramente queremos ser iluminados e livres de toda a cegueira do coração. Meditar na vida de Jesus Cristo seja, pois, a nossa maior solicitude.

2. A doutrina de Cristo sobreleva toda a doutrina dos santos, e quem tiver o Espírito encontrará o maná que nela está escondido. Quem quer, porém, entender e saborear toda a plenitude das palavras de Cristo deve esforçar-se por moldar nele toda a própria vida.

3. Que te aproveita recorrer profundamente sobre a Santíssima Trindade, se não és humilde e, por isso, à Trindade desagradado? Em verdade as palavras sublimes não fazem o homem santo e justo; é a vida pura que o torna querido de Deus. Prefiro sentir compunção a saber-lhe a definição. Se soubesses toda a Bíblia de cor e todas as máximas dos filósofos, que te aproveitaria tudo isto sem o amor e a graça de Deus? Vaidade das vaidades é tudo vaidade, (Ecles. I, 12), exceto amar a Deus e só a Ele servir. A suprema sabedoria consiste em tender para o reino do Céu pelo desprezo do mundo.

4. Vaidade, pois, amontoar riquezas caducas e nelas pôr a sua confiança. Vaidade ainda, ambicionar honras e guindar-se a altas posições. Vaidade, seguir os apetites da carne e desejar o que mais tarde será gravemente punido. Vaidade, desejar viver muito e descuidar viver bem. Vaidade, preocupar-se só da vida presente e não prever a futura. Vaidade, amar o que tão vertiginosamente passa e não demandar pressuroso a alegria que sempre dura.

5. Lembra-te amiúde daquela sentença do Sábio: Não se fartam os olhos de ver nem os ouvidos de ouvir (Ecles. I, 8). Aplica-te, pois, a desapegar o teu coração do amor das cousas visíveis para transportá-lo às invisíveis, porque os que se deixam levar pela própria sensualidade mancham a consciência e perdem a graça de Deus.

Capítulo II

Do humilde sentir de si mesmo

1. Todo homem tem o desejo natural de saber, mas que vale a ciência sem o temor de Deus? O camponês humilde que serve a Deus está, sem dúvida, acima do filósofo soberbo, que, descuidando a sua alma, observa o curso dos astros. Quem se conhece bem despreza-se a si mesmo e não se compraz nos louvores dos homens. Se eu possuísse toda a ciência do mundo e não tivesse caridade, que me aproveitaria aos olhos de Deus que me há de julgar segundo as minhas obras?

2. Modera o desejo desordenado de saber que gera muita dissipação e muito desengano. Os que têm muita ciência gostam de ser tidos e aplaudidos por sábios. Há muitas coisas que sabê-las, pouco ou nenhum proveito traz para a alma, e muito insensato é quem se ocupa do que não interessa à sua salvação. Muita palavra não sacia a alma; é a vida santa que consola o coração, é a consciência pura que inspira grande confiança em Deus.

3. Quanto mais e melhor souberes, tanto mais severamente hás de ser julgado se não viveres mais santamente. Não te envaideças, pois, de qualquer arte ou ciência; teme antes pelas luzes que recebeste. Se te parece que sabes e compreendes bem muitas coisas, tem por certo que

Livro I

muito mais são as que ignoras. Não te ensoberbeças (Rom. XI, 20), antes confessa a tua ignorância. Como te queres preferir a outros se tantos há mais doutos e mais versados que tu na lei de Deus? Queres saber e aprender algo de útil? Folga em viver ignorado e ser tido por nada.

4. A ciência mais alta e mais proveitosa é o verdadeiro conhecimento e desprezo de si mesmo. Ter-se por nada e pensar sempre bem dos outros é grande sabedoria e grande perfeição. Se vires outrem pecar abertamente e ainda cometer faltas graves, nem por isto te deves ter por melhor, porque não sabes por quanto tempo poderás perseverar no bem. Somos todos fracos, mas a ninguém tenhas por mais fraco que tu.

Capítulo III

Da doutrina da verdade

1. Feliz aquele a quem a Verdade por si ensina, não por figuras ou palavras que passam, senão por si mesma, mostrando-se tal qual é. Nossa razão e nossos sentidos vêem pouco e muitas vezes nos enganam. Que aproveitam estas discussões sutis de coisas ocultas e obscuras de que não seremos argüidos no juízo de Deus por as havermos ignorado? Grande insensatez descuidarmos o que é útil e necessário para nos aplicarmos com gosto ao curioso e nocivo. Em verdade, temos olhos e não vemos.

2. Que se nos dá dos gêneros e das espécies? De muitas opiniões se desembaraça aquele a quem fala o Verbo eterno. Deste único verbo procedem todas as coisas, e todas O proclamam; e Ele é o Princípio que também dentro de nós fala (João VIII, 25). Sem Ele, ninguém entende ou julga retamente. Aquele que tudo encontra na Unidade soberana, a ela tudo refere e nela tudo vê por ter o coração firme e descansar na paz de Deus. Oh! Verdade! Oh! Deus! uni-me a Vós em caridade perpétua! Enfastia-me muitas vezes ler e ouvir tanta coisa; em Vós se acha quanto quero e desejo. Calem-se todos os doutores; emudeçam em Vossa presença as criaturas todas; falai-me Vós só!

3. Quanto maior progresso fizer cada um na unidade e simplificação interior, tanto mais numerosas e mais sublimes coisas entenderá sem esforço, porque do alto receberá a luz da inteligência. A alma pura, simples e constante não se dissipa ainda que entenda em muitas ocupações; porque todas refere à glória de Deus e, tranqüila, em coisa alguma busca a si própria. Que há que mais te embarace e perturbe do que os afetos imortificados de teu coração? O homem bom temente a Deus dispõe primeiro no seu interior as obras que depois há de fazer externamente; assim elas não o arrastam ao desejo de alguma inclinação viciosa mas ele as submete ao arbítrio da reta razão. Quem peleja com mais vigor do que aquele que trabalha por vencer a si mesmo? Este deverá ser o nosso maior empenho: vencermo-nos a nós mesmos, tornarmo-nos cada dia mais fortes e fazermos algum progresso no bem.

4. Toda perfeição nesta vida anda mesclada de alguma imperfeição e na nossa inteligência não há luz sem sombras. O humilde conhecimento de ti mesmo é caminho que leva a Deus com mais segurança que as investigações profundas da ciência. Não é que a ciência ou o simples conhecimento das coisas sejam condenáveis, porque em si são bons e ordenados por Deus; sempre, porém, se lhes há de preferir a boa consciência e a vida virtuosa. Mas porque muitos se empenham mais em adquirir ciência do que em bem viver, por isso erram a cada passo e pouco ou nenhum fruto colhem do seu trabalho.

5. Oh! Se eles pusessem tanto ardor em extirpar vícios e plantar virtudes como põem em agitar questões, não se veriam tantos males e escândalos entre o povo nem tanta desordem nos mosteiros. Por certo, no dia do Juízo não se nos perguntará o que lemos mas o que fizemos; nem se falamos com eloquência senão se vivemos com piedade. Dize-me: onde estão agora todos aqueles mestres e doutores que bem conhecestes quando ainda viviam e floresciam nas

Livro I

escolas? Já outros possuem as suas prebendas e talvez nem deles se lembrem; quando vivos pareciam alguma coisa, hoje deles nem se fala.

6. Oh! Quão depressa passa a glória do mundo! Prouvera a Deus que a vida lhes concordasse com a doutrina; teriam então lido e estudado com proveito. Quantos perecem no mundo, entregues a uma ciência vã e descuidados do serviço de Deus! Esvaeceram em suas cogitações (Ad Rom I, 21) porque antes quiseram ser grandes que humildes. Verdadeiramente grande é quem tem grande caridade! Verdadeiramente grande, aquele, que, pequeno aos próprios olhos, em nada estima as maiores honras. Verdadeiramente sábio, aquele que considera "todas as coisas da terra como lodo para ganhar a Cristo"(Filip. III, 8). E verdadeiramente douto, aquele que faz a vontade de Deus e renuncia à própria.

Capítulo IV

Da prudência nas ações

1. Não se deve dar crédito a qualquer palavra nem obedecer a todo impulso, mas pesar as coisas na presença de Deus com prudência e vagar. Infelizmente, tanta é a nossa fraqueza que, muitas vezes acreditamos e dizemos dos outros, com mais facilidade, o mal que o bem! Mas os homens perfeitos não prestam facilmente fé a tudo o que se lhes conta porque conhecem a natureza humana, inclinada ao mal e leviana no falar.

2. Grande sabedoria é não aferrar-se ao próprio parecer. E ainda, não crer sem discernimento tudo o que dizem os homens, nem encher os ouvidos alheios do que ouvimos ou cremos. Aconselha-te com varão sábio e consciencioso; e prefere ouvir outro melhor que tu a seguir as tuas luzes. A vida virtuosa faz ao homem sábio diante de Deus e dá-lhe muita experiência. Quanto mais o homem for humilde e submisso a Deus, tanto maior será a sua sabedoria e serenidade.

Capítulo V

Da lição das Sagradas Escrituras

1. Nas Sagradas Escrituras há de procurar-se a verdade, não a eloquência. Os livros santos devem ser lidos com o mesmo espírito com que foram ditados. Neles demos buscar a edificação mais que as sutilezas da linguagem. De tão boa vontade devemos ler os livros singelos e devotos como os profundos e sublimes. Não te embaraces com a autoridade do escritor, se foi homem de grandes ou de poucas letras; mova-te a ler o puro amor da verdade. Considera o que te dizem sem indagar quem o diz.

2. Os homens passam mas "a verdade do Senhor permanece eternamente" (Ps. XXXVIII, 7). Deus fala-nos de diferentes maneiras sem aceitação de pessoas. Na lição das Escrituras prejudica-nos muitas vezes nossa curiosidade, porque pretendemos compreender e discutir sobre o que se deveria passar com simplicidade. Se queres tirar proveito lê com humildade, singeleza e fé, sem aspirares à reputação de grande ciência. Interroga de bom grado e ouve, em silêncio, as palavras dos santos; nem te desagradem as sentenças dos velhos que, sem razão, não as proferem.

Capítulo VI

Das afeições desordenadas

1. Todas as vezes que o homem deseja alguma coisa desordenadamente entra logo a sentir-se inquieto. O soberbo e o avarento nunca têm descanso; o pobre e o humilde de espírito vivem em muita paz. Quem ainda não morreu perfeitamente a si mesmo é bem depressa tentado e vencido em coisas pequenas e insignificantes. O fraco de espírito, ainda um tanto carnal e inclinado às coisas sensíveis, dificilmente pode desapegar-se de todos os desejos da terra; e por

Livro I

isto sente-se muitas vezes triste quando deles se priva e com facilidade se irrita se alguém o contraria.

2. Mas se alcança o que desejava, logo o oprime o remorso de consciência, por haver seguido sua paixão que lhe não traz a paz que buscava. É com efeito resistindo e não obedecendo às paixões que se encontra a verdadeira paz de coração. Paz não terá, pois, o homem carnal nem o dissipado, mas o fervoroso e espiritual.

Capítulo VII

Que se há de fugir a vã esperança e o orgulho

1. Insensato quem coloca a sua esperança nos homens ou nas criaturas. Não te envergonhes de servir aos outros por amor de Jesus Cristo nem de parecer pobre neste mundo. Não te apoies em ti mas em Deus firma a tua esperança. Fazei o que está em tuas mãos e Deus ajudará tua boa vontade. Não confies na tua ciência nem na indústria de nenhuma alma viva, mas na graça de Deus que ajuda os humildes e humilha os presunçosos.

2. Não te glories nas riquezas se as tiveres, nem nos amigos por serem poderosos, mas em Deus que tudo nos dá e acima de tudo deseja dar-se a si mesmo. Não te envaideças da robustez ou da formosura do corpo que a menor enfermidade quebranta e desfigura. Não te comprazes nas tuas habilidades e talentos, para não desagradares a Deus a quem pertencem todos os teus dons naturais.

3. Não te julgues melhor que os outros para que não sejas tido talvez como pior aos olhos de Deus que sabe o que há no homem. Não te ensoberbeças por tuas boas obras, porque bem diversos dos homens são os juízos de Deus, a quem desagrade muitas vezes o que aos homens agrada. Se em ti reconheceres algum bem, pensa que são melhores os outros e assim te conservarás em humildade. Nenhum mal há em te colocares abaixo de todos; grande mal, porém, se ainda a um só te preferires. No coração humilde, paz contínua; no soberbo, freqüente o ciúme e a irritação.

Capítulo VIII

Que se há de evitar a nímia familiaridade

1. "Não abras o teu coração a qualquer pessoa" (Ecles. VIII, 22) mas trata das tuas coisas com homem sábio e temente a Deus. Com os moços e pessoas de fora conversa pouco. Não bajules os ricos nem gostes de aparecer na presença dos poderosos. Procura a companhia dos humildes e simples, dos piedosos e de bons costumes e com eles entretém-te de coisas edificantes. Não tenhas familiaridade com mulher alguma, mas, em geral, encomenda a Deus todas as mulheres de virtude. Intimidade deseja só com Deus e os Anjos; e evita ser conhecido dos homens.

2. Caridade, com todos; mas familiaridade, não convém. Sucede, não raro, que uma pessoa, de longe, brilha com o esplendor da fama, mas, de perto desmerece aos olhos dos que a vêem. Cuidamos às vezes agradar aos outros com a nossa assiduidade, mas, com isto, lhes desagradamos pelos defeitos que em nós vão descobrindo.

Capítulo IX

Da obediência e submissão

Livro I

1. Grande coisa é viver em obediência, sob a direção de um superior e não ser senhor de si. Muito mais seguro é obedecer que mandar. Muitos vivem em obediência mais por necessidade que por amor; e por isto andam desgostosos e murmuram com facilidade; nunca chegarão à liberdade de espírito se não se submeterem de todo coração por amor de Deus. Para onde quer que vás não encontrarás descanso senão na humilde sujeição à autoridade superior. Muitos se têm iludido imaginando que a mudança de lugar traz melhora.

2. É verdade que cada qual gosta de seguir o próprio parecer e mais se inclina para os que pensam como ele. Mas se Deus está conosco é mister que algumas vezes renunciemos ao nosso modo de ver por amor da paz. Quem é tão sábio que chegue a saber tudo perfeitamente? Não confies, pois, demais na tua opinião mas de bom grado ouve também a dos outros. Se for bom o teu parecer e o deixares por amor de Deus para seguir o de outrem, terás com isto maior proveito.

3. Muitas vezes ouvi que mais seguro é tomar que dar conselho. Bem pode também suceder que seja bom o parecer de cada um; mas não querer ceder aos outros quando a razão ou as circunstâncias o pedem, sinal é de soberba teimosia.

Capítulo X

Que se deve evitar as palavras inúteis

1. Evita quanto puderes o bulício do mundo; tratar de coisas seculares, ainda com intenção pura, traz sempre grande detrimento. Bem depressa nos deixamos inquinare e prender pela vaidade. Tomara eu tantas vezes haver-me calado e não ter estado entre os homens! Por que razão gostamos tanto de falar e conversar quando raras vezes voltamos ao silêncio sem trazer a consciência magoada? A razão por que tão de boa vontade falamos é porque nas nossas conversas procuramos consolar-nos mutuamente e queremos aliviar o coração fatigado de tantas preocupações. E é sempre agradável falar e pensar naquilo que muito amamos e desejamos ou que nos contraria.

2. Mas, infelizmente, quase sempre em vão: esta consolação externa não é pequeno obstáculo às consolações interiores e divinas. Importa vigiar e orar para que não passe inutilmente o tempo. Quando for permitido ou conveniente falar, fala de coisas edificantes. O mau costume e o descuido do nosso aproveitamento muito contribuem para o desmando da língua. Muito, porém, aproveitam para o progresso da alma as conferências piedosas sobre assuntos espirituais principalmente quando se reúnem no Senhor, pessoas animadas das mesmas intenções e do mesmo espírito.

Capítulo XI

Da paz e do zelo da perfeição

1. De muita paz poderíamos gozar se não nos quiséramos meter com as palavras e ações dos outros que não são de nossa conta. Como poderá permanecer muito tempo em paz aquele que se intromete em negócios alheios, que procura dissipar-se nas coisas externas e dentro de si, pouco ou raras vezes, se recolhe? Bem-aventurados os simples porque terão muita paz!

2. Por que razão foram alguns santos tão perfeitos e contemplativos? Porque aplicaram-se seriamente a renunciar a todos os desejos terrenos e por isto puderam de todo o coração fixar-se em Deus e ocupar-se de si livremente. Nós, porém, deixamos levar-nos demasiadamente pelas próprias paixões e pela solicitude das coisas que passam; raras vezes vencemos um vício perfeitamente; não nos alentamos por fazer cada dia algum progresso: por isto, ficamos sempre frouxos e tíbios.

Livro I

3. Se estivéramos inteiramente mortos a nós mesmos e menos embaraçados no nosso interior, poderíamos saborear as coisas divinas e ter alguma experiência da contemplação celestial. O maior, o único obstáculo é que não nos desvencilhamos das paixões e concupiscências nem nos decidimos a entrar no caminho perfeito dos santos. Mal surge uma pequena contrariedade, deixamo-nos logo entrar de desânimo e voltamos às consolações humanas.

4. Se nos esforçáramos, como varões fortes, por perseverar na luta, sentiríamos por certo que do céu desceria sobre nós o auxílio do Senhor; Ele está pronto a ajudar os que pelejam e confiam na sua graça e não nos proporciona as ocasiões de combate senão para que alcancemos a vitória. Se apenas nas observâncias exteriores ciframos o progresso da vida religiosa, em breve se extinguirá a nossa piedade. Levemos o machado à raiz para que, purificados das paixões, tenhamos a alma em paz.

5. Se cada ano extirpássemos um vício bem depressa seríamos perfeitos. Mas o que de fato experimentamos é muitas vezes o contrário: fomos melhores e mais puros no princípio da nossa conversão do que após muitos anos de professo. Todos os dias devera aumentar o fervor e o aproveitamento; mas, infelizmente, hoje já se tem por muito se alguém conserva parte do zelo primitivo. Se no começo nos fizéssemos um pouco de violência, tudo poderíamos fazer em seguida com facilidade e alegria.

6. Custoso é deixar o costume antigo; mais custoso ainda, contrariar a vontade própria; mas se não vences o pouco e o fácil como triunfarás do difícil? Resiste no princípio à tua inclinação e desfaz-te do hábito mau para que, pouco a pouco, não te arraste talvez a maiores dificuldades. Oh! Se considerasses quanta paz desfrutarias tu e quanto prazer darias aos outros levando vida regrada, estou certo que serias mais solícito pelo teu progresso espiritual.

Capítulo XII

Das vantagens da adversidade

1. Bom é que, de quando em quando, passemos por sofrimentos e contrariedades, porque muitas vezes fazem o homem entrar em si, lembrando-lhe que vive no desterro e em coisa nenhuma do mundo deve por a sua esperança. Bom é que, por vezes, padeçamos contradições e de nós se não tenha boa estima, ainda quando são boas as nossas ações e intenções. Isto muito nos ajuda a ser humildes e preserva-nos da vanglória. Quando, fora, os homens nos desprezam e se não fiam de nós, procuramos com mais cuidado ter a Deus por testemunha do nosso interior.

2. Em Deus devera o homem de tal modo firmar-se que não precisasse mendigar tantas consolações humanas. Quando o homem de boa vontade é atribulado, tentado ou molestado de maus pensamentos, compreende melhor que Deus lhe é necessário e sem Ele nada pode de bom. Então se entristece, geme e ora pelas suas misérias. Pesa-lhe, também, o viver por tanto tempo e suspira pela morte para que possa, "livre dos laços do corpo estar com Cristo" (Filip. I,23). Então ainda se persuade que segurança perfeita e paz completa não pode haver neste mundo.

Capítulo XIII

Da resistência às tentações

Livro I

1. Enquanto vivemos neste mundo não podemos estar sem trabalhos e tentações. Por isto está escrito no livro de Jó: "É milícia a vida do homem na terra" (Jó VII,1). Deve, pois cada qual estar sempre alerta sobre as tentações que o assaltam e vigiar e orar para que o não surpreenda o demônio que não dorme "mas ronda sempre à procura de quem devorar" (S. Petr. V, 8). Não há homem tão perfeito e santo que, de quando em quando, não tenha tentações; totalmente livres delas não podemos viver.

2. As tentações, porém, ainda que molestas e graves, são muitas vezes de grande utilidade para o homem; nelas se adquire humildade, pureza e experiência. Por muitas tentações e tribulações passaram todos os santos e com isto aproveitaram; os que não puderam resistir-lhes, sucumbiram e perderam-se. Não há Ordem religiosa tão santa nem lugar tão retirado onde não haja tentações e adversidades.

3. Enquanto viver, nenhum homem será de todo ao abrigo das tentações; porque, nascidos na concupiscência, em nós está a causa pela qual somos tentados. Quando se vai uma tentação ou tribulação, sobrevém outra; e assim teremos sempre que sofrer, uma vez que perdemos o bem da nossa primeira felicidade. Muitos procuram fugir às tentações e nelas caem mais gravemente. Só com a fuga não as podemos vencer; é a paciência e a verdadeira humildade que nos tornam mais fortes que todos os inimigos.

4. Quem evita somente as ocasiões exteriores e não extirpa o mal pela raiz, pouco aproveitará; antes, mais depressa voltarão as tentações e se achará pior. Pouco a pouco, com a ajuda de Deus, vencerás melhor, pela paciência e longanimidade, do que pela violência e azedume. Toma conselho mais vezes na hora da tentação; e não trates com aspereza a quem é tentado; mas consola-o como desejavas que fizessem contigo.

5. A causa de todas as tentações perigosas é a inconstância e a falta de confiança em Deus. Como o navio sem leme é juguete das ondas, assim o homem remisso e pouco firme nos seus propósitos é agitado por toda sorte de tentações. O fogo prova o ferro; a tentação, o justo. Ignoramos muitas vezes o que valemos, a tentação faz-nos ver o que somos. Cumpre, porém, vigiar, principalmente no princípio da tentação, mais fácil então é vencer o inimigo, se lhe fechamos logo a porta da alma e lhe resistimos apenas se apresenta fora do limiar. Por isto disse alguém: "Atalha no princípio; tarde chega o remédio se o mal, por longo tempo, fundas raízes lançou" ("*Principiis obsta; sero medicina paratur Quum mala per longas invaluere moras*" – Ovídio).

Primeiramente apresenta-se à alma um simples pensamento, a seguir uma imaginação viva, depois a deleitação, o movimento desordenado e o consentimento. Assim, aos poucos, força de todo a entrada o inimigo maligno a quem logo lhe não resistiu; e quanto por mais tempo for a alma entorpecendo na resistência, tanto mais fraca ela vai ficando e mais poderoso o seu adversário.

6. Uns padecem tentações mais violentas no início de sua conversão; outros, no fim; alguns porém são atormentados quase toda a vida; há também os que são tentados com mais brandura; assim o dispõe a sabedoria e justiça da divina Providência que pesa o estado e os merecimentos dos homens e tudo ordena para a salvação de seus escolhidos.

7. Por isso, não devemos perder a confiança quando somos tentados, antes pedir a Deus com mais fervor que se digne ajudar-nos na tribulação. Ele, que segundo a palavra de S. Paulo, "com a tentação dará o auxílio para que possamos resistir-lhe" (I Cor. X, 13). Humilhemos, pois, as nossas almas sob a mão de Deus na tentação e na tribulação, porque os humildes de espírito, Ele os há de salvar e exaltar.

Livro I

8. Nas tentações e tribulações vê-se quanto aproveitou a alma; nelas maior é o merecimento e melhor se manifesta a virtude. Não é lá grande valor ser o homem devoto e fervoroso quando nada lhe dá pena; esperança de muito aproveitamento haverá, porém, se suporta com paciência o tempo da adversidade. Alguns guardam-se das grandes tentações e são vencidos muitas vezes nas pequenas de cada dia, para que, humilhados, não presumam de si nas grandes ocasiões os que nas tão insignificantes fraquejam.

Capítulo XIV

Que se há de evitar o juízo temerário

1. Põe os olhos em ti e guarda-te de julgar as ações alheias. Julgando os outros o homem trabalha em vão, erra o mais das vezes e facilmente peca; julgando e examinando a si mesmo trabalha sempre com proveito. Julgamos freqüentemente das coisas conforme nos falam ao coração; porque o amor próprio turva facilmente a verdade dos nossos juízos. Se Deus fora sempre o único objeto de nossos desejos não nos perturbaríamos tão depressa quando contrariam a nossa vontade.

2. Há porém muitas vezes alguma razão oculta ou algum motivo externo que também em nós influi. Muitos, no que fazem, buscam secretamente a si mesmos, sem o saber. Parecem também estar em perfeita paz quando as coisas lhes correm à medida dos desejos; mal, porém, lhes não sucedem à vontade logo se perturbam e entristecem. Por causa da diversidade de sentimentos e opiniões, nascem freqüentes discórdias entre amigos e vizinhos, entre religiosos e pessoas piedosas.

3. É coisa difícil deixar um costume antigo e ninguém de boa mente renuncia ao seu modo de ver. Se confias mais em tua razão e habilidade do que na virtude que nos submete a Jesus Cristo, tarde e raras vezes terá a alma iluminada; Deus quer que a Ele nos sujeitemos perfeitamente, e, inflamados no seu amor, nos elevemos acima de toda a razão humana.

Capítulo XV

Das obras que procedem da caridade

1. Por coisa nenhuma deste mundo, nem por amor de quem quer que seja, se deve praticar o mal. É livre, porém, interromper uma ação boa ou substituí-la por outra melhor para prestar serviço a quem precisa; assim não se destrói a boa ação mas transforma-se em outra de maior valor. Sem a caridade de nada vale nenhuma obra exterior. Tudo, porém, o que dela se inspira, por pequeno e desprezível que seja, produz abundantes frutos: mais que a ação, Deus pesa a intenção.

2. Muito faz quem muito ama. Muito faz quem faz bem. Bem faz quem serve ao interesse comum mais que à vontade própria. O que muitas vezes parece caridade é concupiscência: porque raras vezes, a inclinação natural, a vontade própria, a esperança de recompensa, o amor às comodidades deixam de influir em nossas ações.

3. Quem possui a verdadeira e perfeita caridade não busca a si em coisa alguma mas seu único desejo é que em tudo se realize a glória de Deus. A ninguém inveja, porque não aprecia nenhum prazer particular nem em si mesmo quer alegrar-se, mas, em Deus, acima de todos os bens, coloca a sua felicidade. A nenhuma criatura atribui bem algum, mas tudo refere a Deus, fonte perene, donde promanam todos os bens, fim beatífico, em que descansam todos os santos. Oh! quem tivera uma centelha de verdadeira caridade! como lhe pareceriam vãs todas as coisas da terra!

Capítulo XVI

Da paciência com os defeitos alheios

Livro I

1. O que não pode o homem emendar em si ou nos outros deve suportar com paciência até que Deus disponha de outra maneira. Considera que assim é talvez melhor para provar a tua paciência, sem a qual não são de grande peso os nossos merecimentos. Nestas contrariedades, porém, debes pedir a Deus que se digne ajudar-te para suportá-las serenamente.

2. Se alguém, advertido uma ou duas vezes, se não emendar, não porfies com ele, mas encomenda tudo a Deus que sabe tirar o bem do mal, afim de que se faça a sua vontade e Ele seja glorificado em todos os seus servos. Esforça-te por suportar com paciência os defeitos e fraquezas alheias; também os outros terão muito que suportar de ti. Se não te podes fazer qual quizeras, como poderás alcançar se conformem os demais aos teus desejos? Bem folgamos, não tenham defeitos os outros; mas os nossos, não os emendamos.

3. Queremos se corrijam os outros com rigor, mas nós não queremos ser repreendidos; parece-nos mal a demasiada liberdade alheia mas nós não queremos se nos negue o que pedimos; gostamos sejam os mais apertados com estatutos, mas nós não sofremos a menor proibição. Por onde se vê, como é raro usarmos da mesma balança para nós e para os outros. Se foram todos perfeitos que houvéramos de sofrer por amor de Deus?

4. Assim, porém, o dispôs Deus para que aprendêssemos "a levar a carga, uns dos outros" (Gal. VI,2); porque todos têm a sua carga; ninguém há sem defeitos, ninguém basta a si mesmo; nem é suficientemente sábio para guiar-se; mas, reciprocamente, devemos suportar-nos e consolar-nos; uns aos outros devemos prestar auxílio, instrução e conselho. Na adversidade melhor se manifesta a virtude de cada um; a ocasião não faz o homem fraco, revela-o tal qual é.

Capítulo XVII

Da vida monástica

1. Importa que aprendas a dobrar-te em muitas coisas, se queres ter paz e concórdia com os outros. Não é pouco morar em mosteiros ou comunidade, aí viver sem queixas e perseverar fielmente até à morte. Feliz aquele que aí vive bem e acaba santamente. Se queres conservar-te firme e crescer na virtude, considera-te como desterrado e peregrino sobre a terra. É mister que te faças "louco por amor de Cristo" se queres seguir a vida religiosa.

2. De pouco valem o hábito e a tonsura; é a mudança dos costumes e a perfeita mortificação das paixões que fazem o verdadeiro religioso. Quem procura outra coisa fora de Deus e da salvação de sua alma só achará tribulação e dor. Não pode também viver muito tempo em paz quem não se esforça por ser o menor e o mais submisso de todos.

3. Vieste para servir, não para mandar; persuade-te que foste chamado a trabalhar e sofrer e não a descansar e palear. Aqui se provam os homens como o ouro no crisol; aqui ninguém pode perseverar se de todo coração não quiser humilhar-se por amor de Deus.

Capítulo XVIII

Dos exemplos dos Santos Padres

1. Contempla os exemplos vivos dos Santos Padres nos quais resplandeceu a verdadeira perfeição da vida religiosa e verás quão pouco é e quase nada o que fazemos. Ai! que é nossa vida comparada com a deles? Os Santos e amigos de Cristo serviram ao Senhor "em fome e sede, em frio e nudez, em trabalhos forçados e fadigas, em vigílias e jejuns" (II Cor. XI, 27), em orações e santas meditações, em mil perseguições e opróbrios.

2. Oh! quantas e quão graves tribulações padeceram os apóstolos, os mártires, os confessores, as virgens e todos os mais que quiseram seguir as pegadas de Cristo. "Odiaram as suas almas neste mundo para possuí-las na vida eterna" (João XII,25). Que vida abnegada e austera

Livro I

levaram os Santos Padres no ermo! que fortes e porfiadas tentações sofreram! quantas vezes foram atormentados pelo inimigo! que orações contínuas e fervorosas ofereceram a Deus! que rigorosas abstinências praticaram! que zelo, que ardor em seu aproveitamento espiritual! que combates ríspidos para domar as próprias paixões! que intenção pura e reta sempre dirigida para Deus! De dia trabalhavam, e as noites passavam em oração; ainda durante o trabalho não interrompiam a oração mental.

3. Todo o tempo empregavam utilmente; pareciam-lhes curtas as horas para tratar com Deus; com a grande doçura da contemplação esqueciam até a necessária refeição do corpo. A todas as riquezas, dignidades, honras, amigos e parentes, renunciaram; do mundo nada queriam; apenas tomavam o necessário à vida; afligiam-se de servir ao corpo ainda nas coisas necessárias. Pobres eram em bens da terra; mas muito ricos de graças e de virtude. No exterior faltava-lhes tudo, mas internamente eram confortados pela graça e pelas consolações divinas.

4. Alheios ao mundo, eram íntimos e familiares amigos de Deus. Por nada se tinham e o mundo os desprezava, mas eram queridos de Deus e preciosos aos seus olhos. Viviam em humildade sincera, em obediência simples, em caridade e paciência; por isso, cresciam cada dia no espírito e alcançavam muita graça diante de Deus. São exemplo a todos os religiosos, e mais nos devem eles estimular ao progresso no bem que a multidão dos tíbios ao relaxamento.

5. Oh! como foi grande o fervor de todos os religiosos nos primeiros tempos de seus santos institutos! que piedade na oração! que emulação na virtude! que vigor na disciplina! como florescia em todos a submissão e obediência à regra do santo fundador! O que deles ainda nos fica bem atesta que foram na verdade santos e perfeitos aqueles varões que, pelejando com tanto denodo, calcaram aos pés o mundo. Hoje já se tem em muito o religioso que não transgride a sua regra e suporta com paciência o jugo que sobre si tomou.

6. Oh! por causa da tibieza e negligência em nosso estado, tão depressa arrefecemos do primeiro fervor; lânguidos, cansados, até o viver já nos enfada! Praza a Deus que, tendo contemplado tantos exemplos de varões piedosos, não deixes de todo adormecer em ti o zelo de adiantar na virtude.

Capítulo XIX

Dos exercícios do bom religioso

1. A vida do bom religioso deve ser adornada de todas as virtudes afim de que tal seja no interior qual aparece exteriormente aos homens. E na verdade, muito mais perfeito deve ser por dentro do que se mostra por fora, porque Deus nos vê e onde quer que estejamos devemos prestar-lhe profunda reverência e andar na sua presença puros como anjos. Cumpre renovar o nosso propósito e excitar-nos ao fervor cada dia como se fora o primeiro da nossa conversão e dizer: "Ajuda-me, meu Deus e Senhor, nas minhas boas resoluções e no vosso santo serviço, dai-me que comece hoje deveras porque nada é o que até agora tenho feito."

2. A decisão do nosso propósito é a medida do nosso aproveitamento; e de muita diligência há mister quem deseja progredir no bem. Se o que propõe com firmeza muitas vezes fraqueja, que será do que propõe poucas, ou com menos energia? Contudo somos infiéis às nossas resoluções e a mais leve omissão nos nossos exercícios dificilmente deixa de causar-nos algum dano. Os justos nos seus propósitos contam mais com a graça de Deus que com a própria sabedoria; e em tudo quanto empreendem nEle põem sempre a sua confiança. Porque "o homem propõe e Deus dispõe; e não estão nas mãos do homem os seus caminhos" (Jerem. X,23).

3. O exercício habitual que se omite por motivo de piedade ou para o bem de nossos irmãos poderá depois facilmente ser reparado; mas o que se deixa levemente por tédio ou negligência é culpa séria e de conseqüências funestas. Por mais que nos esforcemos, faltas leves

Livro I

havemos de cometer muitas. Ainda assim deve propor-se sempre alguma coisa determinada principalmente contra o que mais impede o nosso progresso espiritual. Importa examinar e ordenar tanto o nosso exterior quanto o interior porque um e outro contribuem para o nosso aproveitamento.

4. Se te não podes recolher continuamente, recolhe-te de quando em quando; ao menos uma vez ao dia, pela manhã ou à noite. Pela manhã toma as tuas resoluções; à noite, examina as tuas ações, como te houveste hoje em palavras, obras e pensamentos; porque pode ser que nisso muitas vezes tenhas ofendido a Deus e ao próximo. Arma-te com animo varonil contra as ciladas do demônio; refreia a gula e mais facilmente refrearás todas as inclinações da carne. Nunca estejas ocioso; lê ou escreve, reza, medita ou trabalha em alguma coisa útil aos outros. Os exercícios corporais, porém, convém fazer-se com discrição; nem a todos convêm na mesma medida.

5. O que sai das práticas comuns não deve ostentar-se publicamente; os exercícios particulares é mais seguro fazê-los em segredo. Guarda-te, porém, de ser negligente para os exercícios comuns e pronto para os singulares. Mas satisfeitos inteira e fielmente os deveres prescritos, se ainda sobrar tempo, recolhe-te em ti conforme te pede a tua devoção. Nem todos podem aplicar-se aos mesmos exercícios, uns convêm mais a este, outros, àquele. É bom também variá-los segundo os tempos; uns mais se apreciam nos dias de festa, outros, nos dias úteis. Destes necessitamos na hora da tentação, daqueles, no tempo de paz e de sossego. Certos pensamentos agradam-nos quando estamos tristes, outros, quando alegres no Senhor.

6. Nas festas principais cumpre renovar nossos exercícios de piedade e implorar com mais fervor a intercessão dos Santos. De uma solenidade para outra, façamos o propósito de viver, como se tivéramos então que deixar este mundo e entrar na festa da eternidade. Por isso devemos preparar-nos sollicitamente nos tempos festivos, com uma vida mais fervorosa e uma observância mais severa das regras como se em breve houvéramos de receber de Deus o prêmio do nosso trabalho.

7. E se este momento for diferido, tenhamos por certo que ainda não estamos preparados nem somos dignos desta glória imensa que a seu tempo "se há de revelar em nós" (Rom. VIII, 18) e esforcemos por nos dispor melhor para a partida. "Bem-aventurado o servo", diz o evangelista São Lucas, "a quem o Senhor, quando vier, encontrar vigilante; em verdade vos digo que o constituirá sobre todos os seus bens" (Lucas XII, 43-44).

Capítulo XX

Do amor da solidão e do silêncio

1. Procura tempo oportuno para estar contigo e pensa amiúde nos benefícios de Deus. Deixa-te de curiosidades e entrega-te a leituras que antes excitem a compunção do que distraiam o espírito. Aparta-te das conversas supérfluas e dos passeios ociosos, fecha os ouvidos às novidades e às atoardas e acharás tempo suficiente e propício para te entregar às santas meditações. Os maiores santos evitavam, quanto podiam, a companhia dos homens e preferiam viver a sós com Deus.

Livro I

2. Já disse um antigo (Sêneca, epíst. VII): "Quantas vezes estive entre homens, volvi menos homem." É o que experimentamos tantas vezes quando nos entretemos em largas conversas. Mais fácil é calar de todo do que se não exceder falando. Mais fácil é encerrar-se em casa que guardar-se como convém fora. Quem aspira à vida interior e espiritual deve, com Jesus, apartar-se das turbas. Só aparece em público com segurança quem gosta de viver oculto. Só fala com acerto quem cala de boa vontade. Só ocupa sem risco os primeiros lugares quem de bom brado se coloca nos últimos. Só não corre perigo em mandar quem se exercitou em obedecer.

3. Não há alegria segura sem o testemunho de uma boa consciência. A segurança dos santos, porém, é sempre cheia de temor de Deus; por mais que sobressaíssem em grandes virtudes e graças não deixaram por isso de ser menos vigilantes e humildes. A confiança dos maus, porém, nasce da soberba e presunção e por fim resolve-se em engano. Nunca te dê por seguro nesta vida, por mais que pareças bom religioso ou devoto ermitão.

4. Muitas vezes os melhores na estima dos homens incorreram nos mais graves perigos por confiarem demasiado em si mesmos. Por isso, para muitos é mais útil que lhes não falem de todo tentações e que sejam combatidos, para que não presumam de si, nem se exaltem em soberba ou se entreguem com excesso às consolações exteriores. Oh! que pureza de consciência conservaria quem nunca buscasse alegrias passageiras, e nunca se ocupasse do mundo! Oh! quanta paz e sossego lograria quem cortasse pelos vãos cuidados para não se ocupar senão das coisas do céu e da sua salvação, colocando em Deus toda a sua esperança!

5. Só é digno das consolações celestes quem se exercitou com diligência na santa compunção. Se queres arrepender-te de coração recolhe-te em teu aposento e afasta-te do bulício do mundo, segundo está escrito: "compungi-vos em vosso cubículo" (Salmos IV,5). Nele encontrarás o que muitas vezes hás de perder fora. Continuamente habitada, a cela torna-se agradável; mal guardada, gera fastio. Se no princípio de tua conversão te acostumares a ela e a guardares bem, ser-te-á, depois amiga querida e gratíssima consolação.

6. No silêncio e no sossego aproveita a alma piedosa e penetra os segredos da Escritura. Aí é que encontra as fontes de lágrimas com que todas as noites se lava e purifica para unir-se tanto mais familiarmente a seu Criador quanto mais longe vive do tumulto do mundo. De quem se aparta de conhecidos e amigos, aproxima-se Deus com os seus santos anjos. Mais vale viver escondido e cuidar de sua alma, do que, descuidando-a, fazer milagres. É louvável no religioso sair pouco e não gostar de ver os homens ou ser deles visto.

7. Para que queres ver o que não te é permitido possuir? "Passa o mundo com a sua concupiscência!" (João II, 17). Os desejos dos sentidos arrastam-te aos divertimentos; mas, passada aquela hora, que te fica senão o remorso da consciência e a dissipação do coração? A uma saída alegre sucede muitas vezes uma volta triste; e a uma noite passada em prazeres, uma manhã de tristezas. Assim todo prazer dos sentidos insinua-se brandamente mas no fim resolve-se em sofrimentos e morte. Que podes ver em outro lugar que aqui não vejas? Aqui tens o céu, a terra e todos os elementos; deles foram feitas todas as coisas.

8. Onde poderás ver o que seja estável debaixo do sol? Pensas talvez satisfazer-te plenamente mas não o conseguirás. Se viras diante de ti todas as coisas que seria senão uma vã miragem? Levanta teus olhos a Deus nas alturas e ora pelos teus pecados e negligências. Deixa as vaidades aos vãos; e tu, aplica-te ao que Deus ordena. Encerra-te em teu aposento e chama por Jesus, o Amigo dileto. Permanece com Ele em tua cela; em nenhum outro lugar encontrarás tanta paz. Se não saíras nem ouviras novidades, melhor te conservaras em paz. Mas porque de quando em quando gostas de ouvir novas terás depois que sofrer tribulações do coração.

Capítulo XXI

Da compunção do coração

1. Se queres fazer algum progresso conserva-te no temor de Deus; não vivas com demasiada liberdade mas submete os teus sentidos a uma severa disciplina e não te entregues à vã alegria. Dá-te à compunção do coração e acharás a piedade; a compunção traz consigo muitos bens que a dissipação logo nos faz perder. É para maravilhar que nesta vida possa ter alegria perfeita o homem que medita e considera o seu exílio e os muitos perigos a que está exposta a sua alma.

2. Por causa da leviandade do nosso coração e do esquecimento dos nossos defeitos não sentimos os males de nossa alma e rimos muitas vezes sem motivo quando com razão devêramos chorar. Verdadeira liberdade e alegria pura não há sem temor de Deus e boa consciência. Ditoso aquele que pode desembaraçar-se do impedimento das distrações para unir-se a Deus no recolhimento da santa compunção! Ditoso aquele que de si aparta tudo o que lhe pode manchar ou agravar a consciência! Peleja varonilmente; hábito com hábito se vence. Se souberes deixar os homens também eles te deixarão fazer o que quiseres.

3. Não te metas na vida alheia e não te enredes nos negócios dos grandes. Põe sempre os olhos em ti primeiro; e repreende-te a ti mesmo de preferência a todos os teus amigos. Não te aflijas por não ter o favor dos homens; só deve entristecer-te o não viver com a virtude e circunspecção que convém a um servo de Deus e a um bom religioso. É muitas vezes mais útil e seguro não ter nesta vida muitas consolações, sobretudo consolações sensíveis. Contudo, se não temos as consolações divinas ou só raras vezes as experimentamos, a culpa é nossa porque não nos damos à compunção do coração nem de todo rejeitamos as vãs consolações exteriores.

4. Reconhece-te por indigno das consolações de Deus e merecedor de muitas tribulações. Ao homem que se deixa penetrar da compunção perfeita o mundo todo entra logo a parecer-lhe fastidioso e amargo. O justo sempre acha motivo bastante para afligir-se e chorar; porque ou se considere a si ou pense no próximo sabe que ninguém passa pela vida sem tribulações; e quanto mais atentamente se considera tanto maior é a sua dor. Matéria de justa aflição e de compunção interior são os nossos pecados e vícios em que estamos de tal maneira enterrados que raras vezes podemos contemplar as coisas do céu.

5. Se mais amiúde pensaras na morte do que na duração da vida, sem dúvida te emendarias com mais fervor. Se meditaras também seriamente nas penas futuras do Inferno ou do Purgatório estou certo que suportaras de boa vontade o trabalho e o sofrimento e não temeras nenhuma austeridade. Mas porque estas verdades nos não penetram o coração e amamos ainda tudo o que nos afaga os sentidos, ficamos frios e preguiçosos.

6. É muitas vezes por fraqueza da alma que tão facilmente se lastima nosso miserável corpo. Ora pois com humildade ao Senhor para que te conceda o espírito de compunção e diz com o Profeta: "Dai-me Senhor a comer o pão das lágrimas e a beber a água abundante de meu pranto. (Salmos LXXIX,6).

Capítulo XXII

Da consideração da miséria humana

1. Miserável és onde quer que estejas e para onde quer que te voltes se te não convertes a Deus. Por que razão te inquietas por não te irem as coisas como queres e desejas? Quem é que tem tudo à medida de seu gosto? Nem eu, nem tu, nem homem algum na terra. Ninguém há neste mundo, ainda que rei ou papa, sem alguma tribulação ou angústia. Quem está melhor? Certamente o que pode padecer alguma coisa por Deus.

Livro I

2. Na sua fraqueza e imbecilidade dizem muitos: "Que vida feliz leva aquele homem! Como é rico! nobre! poderoso e elevado!" Considera, porém, os bens do céu e verás que os bens temporais nada valem: muito incertos, são mais um fardo porque nunca se possuem sem temores e cuidados. Não consiste a felicidade do homem em ter abundância de bens terrenos: basta-lhe a mediania. Em verdade, grande miséria é viver na terra. Quanto mais espiritual quer ser o homem tanto mais amarga se lhe torna a vida presente, porque sente melhor e vê com mais clareza as deficiências da natureza humana corrompida. Comer, beber, velar, dormir, descansar, trabalhar, estar sujeito às demais necessidades da natureza é, de fato, grande miséria e aflição para o homem piedoso que deseja viver desatado dos laços do corpo e livre de todo pecado.

3. Muito oprimido, com efeito, se sente neste mundo, o homem interior com as necessidades do corpo. Por isto pede devotamente o Profeta de ver-se livre delas, dizendo: "De minhas necessidades, livrai-me Senhor" (Salmos XXIV,17). Infelizes os que não conhecem a sua miséria! e mais infelizes ainda os que amam esta vida miserável e transitória! Porque alguns há que a ela se apegam tão fortemente, ainda que trabalhando ou mendigando mal consigam o necessário, que se pudessem viver sempre aqui, nada se lhes daria do reino de Deus.

4. Oh! corações insensatos e sem fé! tão profundamente míseros nas coisas da terra que já não sabem apreciar senão o que é carnal! Infelizes, sentirão um dia dolorosamente a vileza e o nada de quanto amaram. Mas os santos de Deus e os fiéis amigos de Cristo não atendiam ao que agradava à carne ou ao que brilhava no mundo; com toda a sua esperança e intenção aspiravam aos bens eternos. Todo o seu desejo elevava-se para os bens invisíveis e perenes, afim de que não os arrastasse para a terra o amor das coisas visíveis.

5. Não percas, irmão, a esperança de progredir na vida espiritual: tens ainda tempo e oportunidade. Por que razão queres adiar o teu propósito? Levanta-te, começa neste mesmo instante e diz: "É tempo de agir, é tempo de pelejar, é tempo de corrigir-me." Quando te sentes aflito e atribulado, então tempo é de merecer. É preciso "passares por fogo e por água antes de chegares ao refrigério" (Salmos LXV,11). Se te não fizeres violência não vencerás o vício. Enquanto estamos neste frágil corpo não nos podemos conservar sem pecado nem viver sem tédio e sem dor. Bem quiséramos fruir de um descanso livre de toda miséria; mas, porque pelo pecado perdemos a inocência perdemos também a verdadeira felicidade. Importa-nos, por isso, perseverar na paciência e aguardar a misericórdia de Deus, "até que passe esta iniquidade" (Salmos LXVI,2) e "o que é mortal seja absorvido pela vida" (II Cor. V,4).

6. Oh! como é grande a fragilidade humana sempre inclinada aos vícios! Hoje confessas os teus pecados e amanhã tornas a cair neles; agora propões estar sobre ti e daqui a uma hora procedes como se nada houveras proposto. Bem razão temos de nos humilharmos e não nos termos em grande conta: somos tão frágeis e inconstantes! Em pouco tempo também se pode perder por negligência o que só à custa de muito trabalho se adquiriu, com o auxílio da graça.

7. Que será de nós no fim se já no princípio somos tão tíbios? Ai de nós se queremos entregarmo-nos ao descanso como se já estivéramos em paz e segurança, quando em nossa vida não se vislumbra ainda nenhum sinal de verdadeira santidade! Bem precisaríamos ser de novo instruídos na virtude como bons noviços para ver se haveria ainda alguma esperança de emenda para o futuro e de maior proveito espiritual.

Capítulo XXIII

Da meditação da morte

1. Bem depressa chegará o teu fim; vê lá como te portas. Hoje o homem está vivo e amanhã já não existe; e quando desapareces dos olhos bem depressa passa também da lembrança. Oh!

Livro I

cegueira e dureza do coração humano que só pensa no presente e não prevê o futuro. Deves pensar e agir sempre como se hoje houveras de morrer. Se tiveras boa consciência não temerás muito a morte. Melhor fora evitar o pecado que fugir à morte. Se hoje não estás preparado, como o estarás amanhã? O dia de amanhã é incerto; quem sabe se lá chegarás?

2. Que importa viver muito se tão pouco nos corrigimos? A vida longa nem sempre traz emenda e muitas vezes aumenta os pecados. Oxalá um só dia sequer tivéssemos vivido bem neste mundo! Muitos contam os anos de sua conversão; mas, de ordinário, bem pouco é o fruto da emenda. Se terrível é morrer, mais perigoso, talvez, seja viver muito. Feliz daquele que traz sempre diante dos olhos a hora da morte e cada dia se prepara para morrer. Se já viste morrer alguém, pensa que pelo mesmo transe hás de passar.

3. Pela manhã pensa que não chegarás à noite; e à noite não contes chegar ao dia seguinte. Por isso está sempre aparelhado e vive de tal forma que nunca a morte te surpreenda desapercibido. Muitos morrem súbita e improvisamente; porque "na hora que não se pensa virá o Filho do Homem" (Luc. XII,40) Quando chegar aquela hora extrema, do modo muito diferente começarás a julgar toda a tua vida passada e muito te arreponderás de ter sido tão negligente e relaxado.

4. Quão ditoso e prudente é o que se esforça por ser tal em vida qual deseja que o encontre a morte! Grande confiança de bem morrer lhe dará o completo desprezo do mundo, o desejo ardente de aproveitar na virtude, o amor da observância, o trabalho da penitência, a prontidão da obediência, a abnegação de si mesmo, a constância em sofrer todas as adversidades por amor de Cristo. Muito bem podes fazer enquanto tens boa saúde; mas, não sei de que serás capaz quando estiveres enfermo. Poucos melhoram com a enfermidade; como raros são os que se santificaram com muitas romarias.

5. Não confies em parentes e amigos, nem deixes para mais tarde o negócio de tua salvação; mais depressa do que imaginas, de ti se hão de esquecer os homens. Melhor é prover a tempo e mandar boas obras diante de ti do que esperar no auxílio dos outros. Se não cuidas de ti agora, quem cuidará de ti mais tarde? Agora é o tempo precioso; "eis o tempo propício, eis os dias de salvação" (II Cor. VI,2). Mas, que tristeza, não aproveitares melhor agora esse tempo em que podes merecer a vida eterna. Virá o momento em que suspirarás por um dia ou uma hora para te corrigires e não sei se alcançarás.

6. Coragem, irmão, não imaginas de quantos perigos e de quanto temor te poderás livrar, se agora pensares sempre na morte com receio e desconfiança. Procura viver agora de tal maneira que na hora da morte tenhas mais motivo de alegria que de temor. Aprende agora a morrer para o mundo afim de então começares a viver com Cristo. Aprende agora a desprezar todas as coisas afim de voares então livremente para Cristo. Castiga agora o teu corpo com a penitência para teres então uma confiança certa.

7. Oh! insensato! por que pensas que hás de viver muito quando não tens um dia seguro? Quantos se iludiram e foram arrancados do corpo quando menos esperavam! Quantas vezes ouviste dizer: este homem morreu assassinado, aquele afogou-se, o outro caiu e quebrou a cabeça; um expirou comendo, outro jogando; este pereceu pelo ferro, aquele pelo fogo; este pela peste, aquele às mãos dos ladrões. E assim o fim de todos é a morte e a vida passa como uma sombra.

8. Quem se lembrará de ti depois da morte? Quem rezará por ti? Faze, faze agora, irmão meu, tudo o que pudies; não sabes quando hás de morrer nem o que te há de suceder depois da morte. Enquanto tens tempo, entesoura riquezas imperecíveis. Preocupa-te unicamente com a tua salvação e cuida só das coisas de Deus. "Faze, agora, amigos", venerando os santos de Deus

Livro I

e imitando-lhes as ações, para que, "ao saíres desta vida, eles te recebam nas moradas eternas" (Luc. XVI,9).

9. Vive na terra como hóspede e peregrino a quem nada se lhe dá dos negócios do mundo. Conserva o coração livre e elevado para Deus, porque "não tens aqui morada permanente" (Hebr. XIII,14). Para o céu dirige todos os dias as tuas preces, os teus gemidos e lágrimas para que, depois da morte, mereça a tua alma passar ditosamente ao Senhor. Assim seja.

Capítulo XXIV

Do juízo e das penas dos pecadores

1. Em todas as coisas considera o fim e como um dia comparecerás ante o Juiz severo, a quem nada é oculto, que não se deixa aplacar com dádivas nem admite desculpas, mas julga com justiça. Oh! miserável e insensato pecador! que responderás a Deus que conhece todas as tuas maldades, tu que às vezes treme à vista de um homem irado! Por que não te preparas para o dia do juízo em que ninguém poderá ser escusado ou defendido por outrem mas cada qual terá bastante que ver consigo? Agora produz fruto o teu trabalho; as tuas lágrimas são acolhidas e aceitos os teus gemidos; a tua dor é satisfatória e purificativa.

2. Grande e salutar purgatório tem o homem paciente que, injuriado, mais se aflige com a maldade alheia do que com a ofensa própria; que roga sinceramente pelos que o contrariam e de coração lhes perdoa; se a alguém magoa, não tarda em pedir-lhe perdão; que mais facilmente se inclina à compaixão do que à cólera; que, muitas vezes, faz violência a si mesmo e se esforça por sujeitar de todo a carne ao espírito. Mais vale purificar agora os pecados e extirpar os vícios do que deixar para expiá-los na outra vida. Em verdade nos enganamos a nós mesmos pelo amor desordenado que temos à carne.

3. Que há de devorar aquele fogo senão os teus pecados? Quanto mais agora te poupares e seguires os apetites da carne tanto mais rigoroso será depois o castigo e mais matéria ajuntas para o fogo eterno. No que o homem mais pecou será mais severamente punido. Ali os preguiçosos serão exasperados com agulhões ardentes e gulosos, atormentados com grande fome e sede. Ali os luxuriosos e amantes da volúpia serão imersos em pez abrasador e fétido enxofre; e, como cães danados, uivarão de dor os invejosos.

4. Nenhum vício há que não tenha o seu suplício próprio. Ali, os soberbos estão cheios de confusão e os avaros, reduzidos à mais miserável indigência. Ali será mais terrível uma hora de tormento do que aqui cem anos da mais rigorosa penitência. Aqui, de quando em quando, cessam os trabalhos e consolamo-nos com os amigos; lá, para os condenados, nenhum descanso, nenhuma consolação. Tem agora cuidado e dor de teus pecados para que no dia do juízo possas partilhar a segurança dos bem-aventurados: porque "então os justos estarão com grande confiança contra os que os angustiaram" (Sap. V,1) e oprimiram. Então se erguerá para julgar o que agora humildemente se curva ao juízo dos homens. Então grande confiança terá o pobre e humilde; e de pavor será envolvido o soberbo.

5. Ver-se-á então como foi sábio neste mundo o que aprendeu a ser louco e desprezado por Cristo. Então dará prazer toda tribulação suportada com paciência "e a iniquidade não ousará abrir a boca" (Salmos CVI,42). Então exultará de alegria o homem devoto e de tristeza se consternará o ímpio. Mais se alegrará então a carne mortificada que se fora nutrida com delícias. Então resplandecerá o hábito grosseiro e perderão o seu brilho as vestes suntuosas. Mais louvores terá então o casebre do pobre que o palácio resplandecente de ouro. Então mais aproveitará a paciência constante que todo o poder do mundo. Mais exaltada será a obediência simples que toda a astúcia do século.

Livro I

6. Então mais alegria causará a pureza de uma boa consciência que a douta filosofia. Mais peso terá o desprezo das riquezas que todos os tesouros da terra. Mais consolação te dará a oração fervorosa, que as iguarias delicadas. Mais alegria terás pelo silêncio guardado do que pelas longas conversas. De maior valor serão as obras santas que as belas frases. Mais te há de agradar então a vida estreita e a penitência rigorosa que todos os prazeres do mundo. Aprende agora a sofrer pouco para te livrares então de sofrimentos mais graves. Experimenta primeiro nesta vida o de que serás capaz na outra. Se não puderes agora suportar tão pouco como poderás sofrer tormentos eternos? Se o menor incômodo te causa agora tanta impaciência, que fará então o inferno? Em verdade duas venturas não poderás reunir: deliciar-te neste mundo e reinar depois com Cristo.

7. Se até hoje houveras vivido sempre em honras e prazeres, de que te aproveitaria tudo isso se viesse a morrer nesse instante? Assim, pois, "tudo é vaidade" (Ecles. I,2) exceto amar a Deus e só a Ele servir. Quem ama a Deus de todo coração não teme nem a morte nem o castigo, nem o Juízo, nem o Inferno: porque o perfeito amor nos dá acesso seguro junto a Deus. Não admira, porém, que tema a morte e o juízo, aquele que ama ainda o pecado. Se contudo o amor de Deus não te aparta ainda do mal, bom é que, ao menos, te retenha o temor do inferno. Aquele, porém, que despreza o temor de Deus não terá forças para perseverar no bem por muito tempo e bem depressa cairá nas ciladas do demônio.

Capítulo XXV

Da fervorosa emenda de toda a nossa vida

1. Sê vigilante e fervoroso no serviço de Deus; pensa muitas vezes a que vieste e porque abandonaste o mundo; não foi porventura afim de viver para Deus e ser homem espiritual? Afervora-te, pois, no desejo de progredir, porque em breve receberás a recompensa dos teus trabalhos e não terás mais temores nem sofrimentos. Agora, pouco trabalho, mais tarde, grande descanso, ou melhor, alegria perpétua. Se continuares a proceder com fidelidade e fervor, Deus, por certo, será fiel e generoso em retribuir. Alimenta a santa esperança de alcançar a palma da glória, mas não te entregues à segurança demasiada para que não caias na tibieza ou na presunção.

2. Alguém que vivia ansioso, oscilando entre o medo e a esperança, certa vez, acabrunhado de tristeza entrou numa igreja prostrando-se ante o altar, para fazer oração, dizia de si para si: Oh! se eu soubesse que haveria de perseverar! No mesmo instante, ouviu no íntimo d'alma esta resposta divina: "Que farias se soubesses? Faze agora o que farias então e terás paz". E logo consolado e reconfortado entregou-se à vontade divina e cessaram as suas ansiosas perplexidades. Não quis mais perscrutar com curiosidade o que lhe haveria de acontecer no futuro mas aplicou-se a conhecer o que era mais perfeito e agradável à vontade de Deus para começar e levar a termo santamente todas as suas ações.

3. "Espera no Senhor e faze o bem", diz o profeta, "e habitarás a terra e te alimentarás de tuas riquezas" (Salmos XXXVI,3). Uma coisa arrefece em muitos o fervor do progresso e da emenda: o horror às dificuldades ou o trabalho da luta. Com efeito, aproveitam mais na virtude os que se empenham com coragem em vencer-se no que mais lhes custa e contraria as inclinações. Porque o homem tanto mais adianta e maiores graças merece quanto mais a si mesmo se vence e mortifica espiritualmente.

Livro I

4. Mas nem todos têm igualmente em que se vencer e mortificar. Aquele, porém, que for diligente e zeloso, ainda que tenha mais paixões, fará maiores progressos que outro, de bom natural, porém, menos fervoroso na aquisição das virtudes. Duas coisas, particularmente, contribuem para uma boa emenda: resistir com violência às inclinações da natureza viciada e trabalhar com ardor em adquirir a virtude de que mais carecemos. Procura também evitar e vencer em ti o que nos outros mais te desagrada.

5. Aproveita de tudo para teu aproveitamento: se vires ou ouvires bons exemplos anima-te a imitá-los; se perceberes, porém, alguma coisa repreensível, guarda-te de fazê-la, ou, se já a fizeste, trata de corrigir-te quanto antes. Como observas os outros, assim também os outros te observam a ti. Como é agradável e consolador ver irmãos fervorosos e devotos, bem morigerados e observantes! Como, pelo contrário, é triste e penoso vê-los andar fora da regra, esquecidos daquilo a que foram chamados! Como é nocivo descuidarem os deveres da própria vocação e inclinarem o afeto ao que não lhes pertence!

6. Lembra-te do que prometeste e tem sempre diante dos olhos a imagem do Crucificado. Bem te podes envergonhar ao considerares a vida de Jesus Cristo, por não haver feito mais esforço de te conformar com ela apesar de trilhares há tanto tempo o caminho de Deus. O religioso que devota e atentamente medita na santíssima vida e paixão do Senhor, nela encontra, com abundância, tudo o que lhe é útil e necessário nem precisa procurar, fora de Jesus, coisa melhor. Oh! se Jesus Crucificado entrara em nosso coração quão depressa seríamos instruídos em tudo!

7. O religioso fervoroso suporta e aceita bem tudo o que se lhe manda. O tímido e o negligente experimenta tribulação sobre tribulação e de todos os lados se vê angustiado porque lhe faltam as consolações interiores e não lhe é permitido buscar as de fora. O que não observa a sua regra expõe-se à grave ruína. O que procura uma vida fácil e relaxada estará sempre em angústias; alguma coisa haverá sempre que lhe desagrada.

8. Como procedem tantos outros religiosos que vivem com austeridade na disciplina do claustro? Saem raras vezes, vestem burel grosseiro, trabalham muito, falam pouco, velam até alta noite, levantam-se de madrugada, prolongam a oração, entregam-se a leituras freqüentes e em tudo observam exata disciplina. Considera os cartuxos, os cistercienses e tantos outros monges e monjas de várias ordens como se levantam todas as noites para a salmodia do Senhor. Bem vergonhoso seria que te deixasses vencer pela preguiça em exercício tão santo quando tantos religiosos começam a entoar louvores da Deus.

9. Oh! quem te dera não ter outra coisa que fazer senão louvar com o coração e com os lábios ao nosso Deus e Senhor! Oh! quem te dera não precisar de comer, nem beber, nem dormir para poderes louvar a Deus sem interrupção e entregar-te unicamente aos exercícios espirituais! Muito mais feliz serias do que agora que deves servir ao corpo e suas necessidades! Prouvera a Deus fossemos isentos dessas necessidades e só tivéssemos que pensar no alimento da alma, que, infelizmente, tão raras vezes saboreamos!

10. Quando o homem chega a não buscar consolação em criatura alguma começa então a gostar perfeitamente de Deus, e vive sempre contente, aconteça o que acontecer. Então não se alegra com grandezas nem se entristece com ninharias mas abandona-se inteiramente e com toda a confiança nas mãos de Deus, que lhe é tudo em todas as coisas, para quem nada acaba nem morre, mas para quem vivem todas as criaturas e a cujo aceno obedecem todas sem demora.

11. Lembra-te sempre do fim e de que o tempo perdido não volta. Sem cuidado e sem esforço não hás de adquirir virtudes. Se principias a entibiar começarás a sentir-te mal. Se, porém, te deres ao fervor terás muita paz; a graça de Deus e o amor da virtude far-te-ão mais leve o trabalho. O homem fervoroso e diligente está preparado para tudo. Mais penoso é resistir aos

Livro I

vícios e às paixões do que suportar as fadigas do corpo. Quem não evita as faltas pequenas pouco a pouco cairá nas grandes. Alegrar-te-ás sempre à noite quando houveres empregado bem o dia. Vela sobre ti mesmo; anima-te; admoesta-te e aconteça o que acontecer aos outros, não te descuides de ti. Aproveitarás na medida da violência que te fizeres. Assim seja.